

Josilene Aparecida de Paula
IFSULDEMINAS – Campus Passos
josilene.paula@alunos.ifsuldeminas.edu.br

Rodrigo Ferreira de Abreu
IFSULDEMINAS – Campus Poços de Caldas
rodrigo.abreu@ifsuldeminas.edu.br

A matemática financeira como ferramenta de educação financeira: um estudo qualitativo exploratório

Resumo

A educação financeira se tornou um tema cada vez mais importante na sociedade atual. Isso acontece principalmente por causa do aumento do endividamento da população e da necessidade de desenvolver habilidades na gestão das finanças pessoais. Nesse cenário, a matemática financeira é uma ferramenta fundamental para entender conceitos como juros, investimentos, financiamentos e planejamento financeiro. Este estudo tem o objetivo de analisar como a matemática financeira ajuda na educação financeira e nas decisões sobre gestão financeira pessoal. É uma pesquisa qualitativa, exploratória, realizada através de entrevistas semiestruturadas com dois participantes: um professor de matemática e um profissional da área contábil. As entrevistas permitiram identificar percepções relevantes sobre o papel da matemática financeira na compreensão das operações financeiras do dia a dia e na formação de indivíduos mais conscientes sobre suas decisões econômicas. Os resultados mostram que o conhecimento de matemática financeira pode melhorar práticas de planejamento financeiro, consumo responsável e decisões mais bem informadas. Concluímos que a união entre matemática financeira e educação financeira pode ajudar a desenvolver habilidades importantes para a gestão das finanças pessoais.

Palavras-chave: Educação financeira; Matemática financeira; Gestão financeira pessoal.

Financial mathematics as a tool for financial education: an exploratory qualitative study

Abstract

Financial education has become an increasingly important topic in contemporary society. This is mainly due to the rising levels of household indebtedness and the need to develop skills for managing personal finances. In this context, financial mathematics is a fundamental tool for understanding concepts such as interest, investments, loans, and financial planning. This study aims to analyze how financial mathematics contributes to financial education and to decision-making related to personal financial management. This is a qualitative, exploratory study conducted through semi-structured interviews with two participants: a mathematics teacher and an accounting professional. The interviews allowed the identification of relevant perceptions regarding the role of financial mathematics in understanding everyday financial operations and in fostering more informed economic decision-making. The results indicate that knowledge of financial mathematics can improve financial planning practices, responsible consumption, and more informed decision-making. We conclude that the integration of

financial mathematics and financial education can contribute to the development of important skills for personal financial management.

Keywords: *Financial education; Financial mathematics; Personal financial management.*

Introdução

O presente artigo é um recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido enquanto estudante do curso de Licenciatura em Matemática, do IFSULDEMINAS – Campus Passos, cujo objetivo foi investigar de maneira exploratória as contribuições da matemática financeira para a educação financeira e gestão financeira pessoal.

Uma das questões que motivou esse trabalho é o endividamento, que tem sido uma situação que vem se agravando ao longo do tempo para as famílias brasileiras. Segundo a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), realizada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC, 2026) em janeiro de 2026, a inadimplência chegou a atingir 29,3% das famílias brasileiras. Além disso cerca de 49,2% das famílias endividadadas estando inadimplentes há mais de 90 dias.

De acordo com Liz (2019), para que os indivíduos aprendam maneiras eficientes de gerenciar seu orçamento, é relevante que realizem um planejamento financeiro adequado, organizem suas finanças e compreendam como opera o mercado financeiro. Isso inclui desde o entendimento sobre produtos de crédito usados no cotidiano, como cartão de crédito, cheque especial e empréstimos, até as alternativas de investimento e outros produtos que podem estimular sua renda. Ao se aprofundar no entendimento destes produtos de crédito, é fundamental conhecer seu funcionamento e, neste sentido, o conhecimento em Matemática Financeira se torna uma importante ferramenta, pois envolve o estudo dos juros, das diversas formas de pagamento e facilita a compreensão do fluxo do dinheiro ao longo do tempo.

A Matemática Financeira é a área do conhecimento que examina juros, descontos, séries de pagamentos, e opções de investimento e financiamento. Além disso, ela destaca a relevância de saber administrar recursos financeiros de maneira a fazê-los crescer. Este campo é uma ferramenta necessária para os profissionais do setor financeiro e é extremamente importante na gestão das finanças pessoais (Liz, 2019).

A Educação Financeira é o componente essencial que permite aos indivíduos entenderem o que ocorre na economia de seu país e no exterior, além de saber como isso se relaciona com suas finanças pessoais. Com essa compreensão, a habilidade de tomar

decisões sobre consumo e uso de recursos financeiros se torna consideravelmente mais conveniente (Liz, 2019).

Conforme indicam Oliveira et al (2025), o planejamento financeiro se refere ao processo de administrar dinheiro visando a realização de objetivos pessoais. Um planejamento bem-sucedido implica em uma programação cuidadosa do orçamento, uma gestão otimizada dos investimentos e a redução das despesas.

Em combinação com a Gestão Financeira Pessoal, a Matemática Financeira exerce uma função fundamental, pois ao integrar essas duas áreas, é possível aprender a administrar o dinheiro de forma inteligente, levando em consideração os ganhos e os gastos. Em diversas situações cotidianas, somos frequentemente dependentes dos princípios das Finanças e da Matemática Financeira para efetuar transações e tomar decisões corretas. Entretanto, observa-se que muitas pessoas ainda apresentam dificuldades em aplicar esses conhecimentos em situações do cotidiano.

Diante desse cenário, surge a seguinte questão de pesquisa: *como profissionais de diferentes áreas percebem a contribuição da matemática financeira para a educação financeira?*

Assim, este estudo tem como objetivo analisar as percepções de profissionais que lidam com o tema, neste caso específico, se tratando de um professor de matemática e de um profissional da área contábil.

Fundamentação teórica

Matemática Financeira

A matemática financeira constitui uma área da matemática aplicada que analisa como o dinheiro se transforma ao longo do tempo, utilizando fórmulas e princípios para avaliar ações como juros, descontos, investimentos, financiamentos e inflação. Essa disciplina oferece instrumentos para solucionar diversas questões financeiras, como calcular o retorno de um investimento, entender o custo de um empréstimo ou elaborar um planejamento orçamentário (Liz, 2019).

Segundo Oliveira et al. (2025), a Matemática Financeira é essencial para a gestão das finanças pessoais, pois facilita a realização de cálculos (como juros, valor presente e futuro) que ajudam na tomada de decisões mais informadas sobre dinheiro. Ao integrar esses conceitos com uma educação financeira prática, é possível desenvolver habilidades que

permitem organizar, analisar e controlar gastos, investir de forma planejada e atingir objetivos financeiros, contribuindo para a autonomia e a cidadania.

Conforme apresenta Assaf Neto (2012), a matemática financeira fundamenta-se na relação entre o valor do dinheiro e o tempo. Nesse contexto, o capital (C) corresponde ao valor inicial aplicado ou emprestado em uma operação financeira. Os juros (J) representam a remuneração obtida pelo uso desse capital ao longo de determinado período. A taxa de juros (i) expressa a proporção pela qual os juros são calculados, sendo geralmente apresentada em termos percentuais por período, como ao mês ou ao ano. O tempo (t) corresponde ao número de períodos durante os quais a operação financeira ocorre. Ao final da operação, obtém-se o montante (M), que corresponde à soma do capital com os juros acumulados, podendo ser representado pela expressão $M = C + J$.

Juros simples e compostos

Os juros simples representam um método de cálculo direto, onde os juros são aplicados exclusivamente sobre o capital inicial. A sua fórmula de cálculo é $J = C.i.t$, em que a taxa de juros e o tempo devem estar na mesma unidade.

De acordo com Assaf Neto (2012), as aplicações dos juros simples são bastante limitadas, em razão de suas restrições técnicas, sendo raras as operações financeiras que formam os seus montantes a partir dessa forma de cálculo. O uso de juros simples restringe-se principalmente às operações praticadas no âmbito do curto prazo, que além dos prazos reduzidos não costumam apurar o seu percentual de custo (ou rentabilidade) por este regime. Segundo o autor, os juros simples são utilizados para o cálculo dos valores monetários da operação como encargos a pagar, empréstimos, rendimentos financeiros e para aplicações, e não para a apuração do efetivo resultado percentual.

No caso do regime de juros compostos, em cada período os juros são acrescentados ao capital formando o montante, isto é, o montante é formado pelo capital somado aos juros do período. Dessa forma, no período do seguinte os juros são calculados não sobre o capital inicial, mas sobre o montante do período anterior e assim por diante até o final da aplicação financeira.

De acordo com Assaf Neto (2012), este processo de formação dos juros é diferente do esquema de juros simples, onde unicamente o capital rende juros, não ocorrendo remuneração sobre os juros formados em períodos anteriores. No regime de juros compostos fica caracterizada a ideia de “juros sobre juros”, de forma que o crescimento da operação se dá de forma exponencial, enquanto nos juros simples isso se dá de forma linear.

A fórmula de cálculo do montante no regime de juros compostos é dada por:

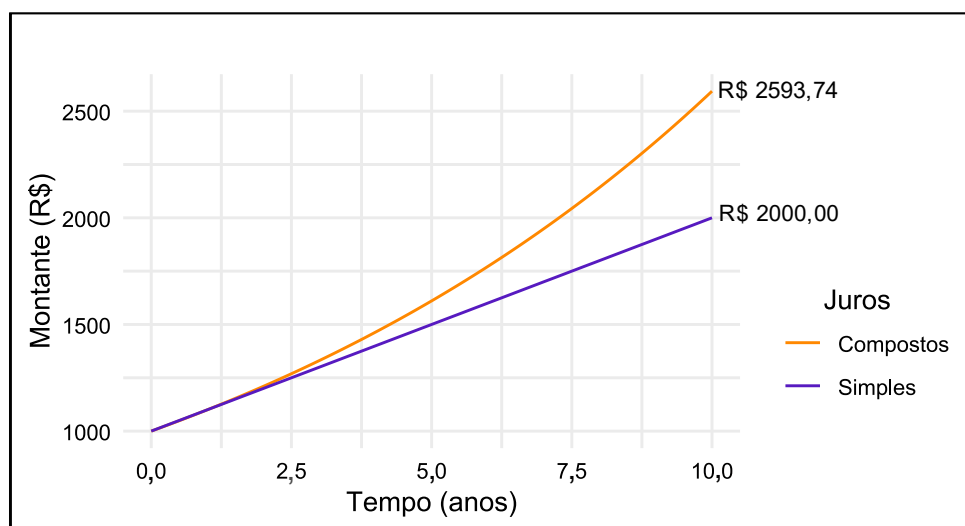
$$M = C(1 + i)^t$$

E os juros acumulados no período podem ser calculados por

$$J = C.[(1 + i)^t - 1]$$

A título de exemplo a Figura 01 a seguir ilustra uma aplicação de R\$1000,00, com uma taxa de $i = 10\%$ ao ano, por um período de 10 anos. Pode-se notar que em períodos de tempo mais curtos não há uma diferença significativa entre os montantes, no entanto à medida que o tempo passa, essa diferença tende a ficar cada vez maior. Para o exemplo específico, em 10 anos os R\$ 593,74 de diferença nos montantes, corresponde à aproximadamente 29,69% a mais de rendimento no regime de juros compostos.

Figura 01: Comparativo entre aplicações de juros simples e compostos



Fonte: Elaborado pelos autores (2026)

Há de se destacar, conforme apontado por Santos *et al.* (2023), que os mesmos juros compostos que favorecem investidores podem apresentar desafios importantes em situações de endividamento. Em financiamentos de longo prazo, como os de imóveis, os juros compostos são frequentemente utilizados, resultando em um total pago que é bastante superior ao valor originalmente financiado.

Sistemas de amortização SAC e PRICE

Os sistemas de amortização são desenvolvidos, de acordo com Assaf Neto (2012), basicamente para operações de empréstimos e financiamentos de longo prazo (como por exemplo para a compra de imóveis), envolvendo desembolsos periódicos do principal e

encargos financeiros, sendo uma característica fundamental dos sistemas de amortização a utilização exclusiva do critério de juros compostos.

No Brasil, dois sistemas muito utilizados são o SAC - Sistema de Amortização Constante e o PRICE – Sistema de Amortização Francês (ou Sistema de Prestação Constante - SPC).

De acordo com Assaf Neto (2012), O SAC tem como característica básica serem as amortizações do principal sempre iguais (ou constantes) em todo o prazo da operação. O valor da amortização pode ser obtido mediante a divisão do capital emprestado pelo número de prestações. Neste contexto, como os juros incidem sobre o saldo devedor, cujo montante decresce após o pagamento de cada amortização, à medida que passam as parcelas os valores vão se tornando decrescentes nos períodos, o que implica em parcelas menores à medida que o tempo passa.

Já o sistema PRICE, segundo o autor, estipula, ao contrário do SAC, que as prestações devem ser iguais, periódicas e sucessivas. Como juros, por incidirem sobre o saldo devedor, são decrescentes, para que as parcelas tenham valores constantes, as parcelas de amortização assumem então valores crescentes ao longo do tempo.

Educação financeira e gestão financeira pessoal

Administrar as finanças pessoais implica acompanhar as receitas e despesas para manter o equilíbrio do orçamento, quitar dívidas e atingir metas financeiras, como viajar, comprar uma casa ou poupar para a aposentadoria. Para executar essa atividade, é importante criar um orçamento, estabelecer objetivos de economia, controlar os gastos e formar um fundo emergencial.

Conforme destaca Silva (2023), a relação entre dívida e comportamento financeiro é complexa e influenciada por múltiplos fatores. A falta de conhecimento sobre o funcionamento do crédito impacta negativamente a situação de endividamento. Em contrapartida, o acúmulo de dívidas pode causar comportamentos arriscados e níveis elevados de ansiedade, além de limitar a liberdade financeira e as oportunidades de investimento.

Esses fatores entre muitos outros destacam a importância da educação financeira na formação individual para desenvolver uma boa gestão financeira pessoal. Neste sentido, o Governo Federal instituiu por meio do Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010, a Estratégia Nacional para Educação Financeira (Enef). Neste documento a educação financeira é definida como

o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram sua compreensão dos conceitos e dos produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação claras, adquiram os valores e as competências necessários para se tornarem conscientes das oportunidades e dos riscos neles envolvidos e, então, façam escolhas bem informados, saibam onde procurar ajuda, adotem outras ações que melhorem o seu bem-estar, contribuindo, assim, de modo consistente para formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro (Brasil, 2010).

Nesta perspectiva, o Banco Central do Brasil (2013) afirma que consumidores bem-educados financeiramente demandam serviços e produtos que são adequados às suas necessidades, incentivando a competição e desempenhando papel relevante no monitoramento do mercado, já que exigem maior transparência das instituições financeiras, e desta forma contribuindo para a solidez e para a eficiência do sistema financeiro.

Considerando este contexto, o conhecimento de conceitos de matemática financeira torna-se fundamental para que as pessoas consigam compreender de forma mais clara as operações financeiras presentes no cotidiano. Elementos como juros simples e compostos, montante, taxa de juros e sistemas de amortização permitem analisar o custo real de empréstimos, financiamentos e investimentos ao longo do tempo. Dessa forma, a matemática financeira funciona como uma ferramenta de apoio à educação financeira, fornecendo os instrumentos necessários para avaliar alternativas, comparar opções de crédito ou investimento e planejar o uso do dinheiro de maneira mais consciente.

Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter exploratório. A escolha por essa abordagem justifica-se pelo interesse em compreender percepções e interpretações dos participantes em relação ao tema da educação financeira e à aplicação da matemática financeira no cotidiano.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário estruturado, composto por questões abertas e fechadas. As questões fechadas possibilitaram obter respostas mais objetivas sobre o conhecimento e as percepções dos participantes em relação ao tema, enquanto as questões abertas permitiram que os respondentes apresentassem suas opiniões e reflexões de forma mais detalhada.

O questionário foi organizado em duas partes. A primeira parte contemplou questões relacionadas à prática profissional dos participantes, buscando compreender de que forma a matemática financeira e a educação financeira estão presentes em suas áreas de atuação. A segunda parte foi voltada à gestão financeira pessoal dos participantes, abordando aspectos

relacionados ao conhecimento e à aplicação de conceitos de matemática financeira e educação financeira no cotidiano.

Participaram da pesquisa dois profissionais: um professor de matemática e um profissional da área contábil. A escolha dos participantes ocorreu de forma intencional, considerando que ambos atuam em áreas diretamente relacionadas à matemática financeira e à gestão de finanças, o que contribui para uma análise do tema em diferentes contextos.

O instrumento de pesquisa teve como objetivo compreender as percepções dos participantes sobre a importância da educação financeira e sobre o papel da matemática financeira tanto no contexto profissional quanto na gestão das finanças pessoais.

Após a coleta das respostas, os dados foram analisados de forma interpretativa, buscando identificar aspectos relevantes nas respostas apresentadas pelos participantes e relacioná-los com as discussões presentes na literatura.

Resultados e discussão

Análise das respostas do profissional da contabilidade

O profissional da contabilidade possui experiência de 51 anos na área, atuando principalmente em atividades relacionadas à análise financeira de pessoas ou empresas, à contabilidade em geral e rural.

Inicialmente o profissional foi questionado se na sua prática tem o hábito de orientar seus clientes no que se refere à organização financeira pessoal, respondeu que somente às vezes o faz. Em relação ao que considera como o erro mais comum cometido pelas pessoas com respeito ao uso do dinheiro, o profissional afirma que é a solicitação de empréstimos e financiamentos.

O participante aponta que não se planejar em relação ao uso do dinheiro é o comportamento financeiro que leva ao endividamento com maior frequência. A falta de comprometimento com seus recebidos do mês dificulta que as pessoas mantenham o controle financeiro mensal.

Essa posição vai ao encontro do que aponta com Felisbino (2021), de que pedir um empréstimo ou financiamento não é, por si só, uma má decisão, mas pode se transformar em um erro se não houver um bom planejamento, resultando em dívidas com prestações que comprometem a renda.

Quando questionado sobre a frequência com que utiliza cálculos de juros simples, juros compostos ou amortização no trabalho, o profissional da contabilidade apontou que raramente ou nenhuma vez utiliza esses cálculos.

Em relação à sua prática contábil, o profissional disse que raramente utiliza os conceitos de juros simples e compostos. E com relação aos sistemas de amortecimento, ele afirma que tanto o SAC como o PRICE as pessoas têm dificuldades para compreendê-los.

Ao ser questionado sobre a educação financeira no Brasil, o profissional aponta que é um problema pois as pessoas na maioria das vezes primeiro fazem os gastos, para depois pensar em como pagá-los. E citou também a questão das taxas de cartão de crédito que são muito altas, quase impossíveis de se pagar.

A respeito dos juros do cartão de crédito, Lopes (2021) afirma que estes prejudicam as finanças individuais ao gerar um ciclo de dívidas, sobretudo com as altas taxas do crédito rotativo.

Sobre quais conhecimentos mínimos uma pessoa deveria ter para evitar dívidas, o participante diz que ter conhecimentos de cálculos, e aplicação de porcentagem e juros é fundamental. Além disso, tendo uma boa formação escolar uma pessoa tem mais facilidade para assimilar os cálculos financeiros, e que através do conhecimento da matemática financeira e na sua aplicação de forma coerente, pode-se obter uma redução de gastos e aumentando assim sua receita.

Quando questionado sobre o que entende ser a educação financeira, o participante definiu como "o conjunto de conhecimento para gerenciar o dinheiro de forma consciente, e que permite tomar decisões equilibradas financeiramente falando". Ao ser questionado se tem hábitos de registrar todos os seus gastos, o participante afirmou que não registra seus gastos. De acordo com Silva (2023), o hábito de registrar todos os gastos é a base para o controle financeiro, permitindo identificar para onde o dinheiro está indo e planejar metas reais.

Á partir das respostas desse profissional, uma constatação que possível ser feita é que, o fato de alguém possuir um conhecimento de matemática financeira, não se traduz em uma prática que despenda o seu uso. Nas respostas obtidas, além de responder que raramente faz uso dos cálculos de juros compostos, o participante também afirmou que não utiliza um orçamento mensal formal para planejar onde seu dinheiro será gasto e não possui um orçamento mensal detalhado, e não utilizou de simulações para planejar seus investimentos ou entender o custo das suas dívidas.

Análise das respostas do professor de matemática

O professor de matemática participante leciona matemática há aproximadamente 18 anos, atuando tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio e no ensino superior. O participante afirma que já trabalhou diretamente com conteúdo de matemática financeira com seus alunos: "Sempre que possível, trabalho temas como juros simples e compostos, porcentagem, descontos e análise de faturas. Normalmente abordo esses conteúdos dentro da disciplina de Matemática, principalmente no 9º ano e no ensino médio, e também em projetos interdisciplinares voltados para educação financeira".

Ao ser questionado sobre a qualidade do ensino de matemática financeira, o professor afirma que ela não é ensinada de forma suficiente nas escolas brasileiras: "Acho que ainda é tratada de forma muito superficial. Os alunos veem as fórmulas, mas quase não discutem situações reais que eles enfrentam no dia a dia". Essa abordagem distante da realidade contribui para que os alunos apresentem maior dificuldade justamente nos conteúdos mais presentes em seu cotidiano, como juros compostos: "Muitos também têm dificuldade para entender taxas embutidas em financiamentos e o impacto dos juros do cartão de crédito".

Quando questionado sobre como os alunos reagem ao perceberem que os cálculos aprendidos servem para o dia a dia, o professor afirma: "Eles geralmente ficam surpresos. Dá para ver que prestam mais atenção quando percebem que aquilo explica o porquê de uma dívida aumentar tão rápido ou como comparar preços".

Na visão do professor, o principal obstáculo para essa conexão é "a distância entre a linguagem matemática e o cotidiano deles. Muitas vezes os exemplos usados nos livros são muito 'perfeitos', enquanto a vida real é cheia de detalhes — taxas ocultas, contratos longos, promoções enganosas." Para superar essa lacuna, o professor aponta que algumas podem ser muito úteis tais como o uso de gráficos de crescimento exponencial que possibilitam a visualização da curva aumentando, tabelas comparativas de parcelas e simulações no computador também são boas para mostrar como pequenas taxas fazem grande diferença no longo prazo.

Nessa perspectiva o professor atribui à escola um papel fundamental na formação financeira dos estudantes: "A escola precisa dar ao aluno condições de compreender o sistema financeiro e tomar decisões conscientes. Não se trata só de matemática, mas de promover reflexão crítica sobre consumo e planejamento." Tal formação contribui diretamente para a autonomia econômica dos jovens, pois, como ele afirma, "ajuda o jovem a saber se

organizar, evitar dívidas e ter noção de prioridades. Quando ele entende como o dinheiro funciona, ele tem mais liberdade para escolher e menos chances de cair em armadilhas."

O professor acredita, por isso, que a matemática financeira deveria ter maior carga horária nas escolas: "Porque os jovens lidam com decisões financeiras cada vez mais cedo. Sem tempo adequado, o conteúdo vira algo mecânico, sem reflexão." Essa necessidade é destacada por Dantas (2023), ao apontar que não existe uma carga horária fixa e padronizada para a matemática financeira nas instituições de ensino brasileiras, sendo frequentemente tratada como uma subseção da Matemática geral. No entanto, a crescente relevância da Educação Financeira tem impulsionado sugestões para que seja incorporada como disciplina obrigatória ou em projetos opcionais, com cargas horárias que permitam discutir planejamento orçamentário, investimentos e consumo responsável, visando à formação de cidadãos mais independentes.

Ao ser questionado sobre o que entende por educação financeira, o professor definiu como "o saber e o agir que auxiliam o indivíduo a compreender como administrar o dinheiro — desde o gerenciamento dos gastos até o planejamento de metas e a tomada de decisões responsáveis", ele revela uma boa compreensão dessa ideia, que abrange tanto a teoria quanto a prática. Contudo, ao abordar sua própria forma de lidar com as finanças, ele reconhece certa dificuldade em transformar esse saber em práticas constantes: "Procuro manter um controle, mas às vezes acabo deixando escapar algumas despesas menores". O professor afirma ainda que apesar de não seguir regra para controle de gastos, busca estruturar suas finanças separando as despesas mais importantes, os compromissos fixos e uma parte destinada à poupança.

O professor também foi questionado sobre situações em que fez ou faz uso de conceitos da matemática financeira, e no que se refere ao cálculo de juros ele diz que utilizou "tanto para comparar investimentos quanto para entender a evolução de parcelamentos e dívidas. As simulações auxiliam muito a visualizar o impacto das taxas". Desse modo, mesmo que a organização financeira diária seja um desafio, a matemática financeira oferece ferramentas para escolhas específicas mais adequadas à realidade individual, mostrando que o conhecimento teórico, ainda que não assegure automaticamente uma gestão perfeita, é um recurso valioso para a independência financeira.

Considerações finais

A matemática financeira é uma ferramenta que possibilita uma pessoa alterar a maneira administra suas finanças, passando de uma abordagem reativa para uma ativa. Isso proporciona as informações que são importantes para empregar o dinheiro de forma adequada às suas necessidades e alcançar uma segurança financeira.

Para o profissional da contabilidade participante da pesquisa, a educação financeira é o conjunto de conhecimentos para gerenciar o dinheiro de forma consciente, que permite tomar decisões equilibradas financeiramente. Já o professor de matemática define a educação financeira como o conjunto de conhecimentos e práticas que ajuda a pessoa a entender como lidar com dinheiro, desde controlar gastos até planejar objetivos e tomar decisões conscientes.

Percebeu-se diante da pesquisa que, para o profissional da contabilidade, a falta de educação financeira às vezes é um problema generalizado no Brasil, pois a maioria faz os gastos para depois pensar no pagamento. Ter conhecimento de cálculos, aplicação de porcentagem e juros é o conhecimento mínimo que uma pessoa deve ter. Ele percebe diferença entre pessoas que possuem alguma formação escolar sobre finanças e as que não possuem, pois quem tem formação escolar assimila melhor os cálculos.

Já o professor de matemática afirma que a matemática financeira não é ensinada de forma suficiente nas escolas brasileiras, sendo tratada de forma muito superficial. Os alunos veem as fórmulas, mas quase não discutem situações reais que enfrentam no dia a dia. O maior problema encontrado pelos alunos costuma ser juros compostos. Ferramentas matemáticas como gráficos de crescimento exponencial, tabelas comparativas e simulações no computador são relevantes para mostrar como pequenas taxas fazem grande diferença no longo prazo.

Observou-se também a partir das respostas dos participantes, que o simples fato de conhecer os cálculos de matemática financeira não se traduz necessariamente em uma prática efetiva na gestão financeira pessoal. Isso mostra que, principalmente no contexto escolar, é necessário que se construam práticas de educação financeira que consolidem o conhecimento nos estudantes, de modo que possam fazer o seu uso para tomada de decisões conscientes ao longo de toda a vida.

Uma limitação deste trabalho foi o número reduzido de participantes da pesquisa, que foram escolhidos de forma intencional e considerando uma questão de disponibilidade. Para pesquisas futuras, uma abordagem que pode enriquecer esse tema é considerar a

participação de mais profissionais diferentes, bem como a participação de estudantes do ensino médio, em que muitos irão ingressar no mercado de trabalho. Além disso considerar medidas quantitativas que possam ilustrar de forma mais ampla as percepções acerca da educação financeira.

Referências

Assaf Neto, Alexandre. **Matemática financeira e suas aplicações**. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

Banco Central do Brasil. **Cuidando do seu dinheiro: gestão de finanças pessoais**. Brasília: Banco Central do Brasil, 2013. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/content/cidadaniafinanceira/documentos_cidadania/Cuidando_do_seu_dinheiro_Gestao_de_Financas_Pessoais/caderno_cidadania_financeira.pdf. Acesso em: 9 mar. 2026.

Brasil, **Estratégia Nacional de Educação Financeira**. Brasília, 2010.

Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). **Pesquisa de endividamento e inadimplência do consumidor (PEIC): janeiro de 2026**. Rio de Janeiro: CNC, 2026. Disponível em: https://portaldocomercio.org.br/publicacoes_posts/pesquisa-de-endividamento-e-inadimplencia-do-consumidor-peic-janeiro-de-2026/. Acesso em: 9 mar. 2026.

DANTAS, Francisco José Vieira. **Contribuições da educação financeira para educação básica: uma revisão bibliográfica**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Matemática) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Cajazeiras, 2023.

Felisbino, David Lucas Salerno. Importância da educação financeira no Brasil. Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC), Goiânia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/4122/1/TCC2%20%20DAVID%20LUCAS%20SALERNO%20FELISBINO%20%20FINAL.docx%20%281%29.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2025.

Liz, Andresa de. **A matemática financeira como ferramenta para a gestão financeira pessoal**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2019.

Oliveira, Adailson Ramon Pinheiro de; LOIOLA, Fabiano Oliveira de; OLIVEIRA, Elton da Silva; OLIVEIRA, Kassia Lima de. Matemática financeira como ferramenta para o gerenciamento das finanças domésticas com o auxílio do aplicativo caderneta da mulher. **Revista Ceará Científico**. SEDUC | Secretaria da Educação do Estado do Ceará, 2025.

Santos, Ticiane Lima dos; Antônio, Roberta Veras; Farias, Andrezza Carolina Brito; Lima, Cássia Regina de; Martins, Luciana Dias Barros; Hummel, Sucena Sílvia. Mulheres e a

educação financeira: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Contemporânea**, [S. l.], v. 3, n. 9, p. 14587–14609, 2023. DOI: <https://doi.org/10.56083/RCV3N9-059>

Silva, Roney Andrade da. **O Ensino de Juros Simples e Compostos em uma Perspectiva Investigativa**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade da Matemática da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2023.